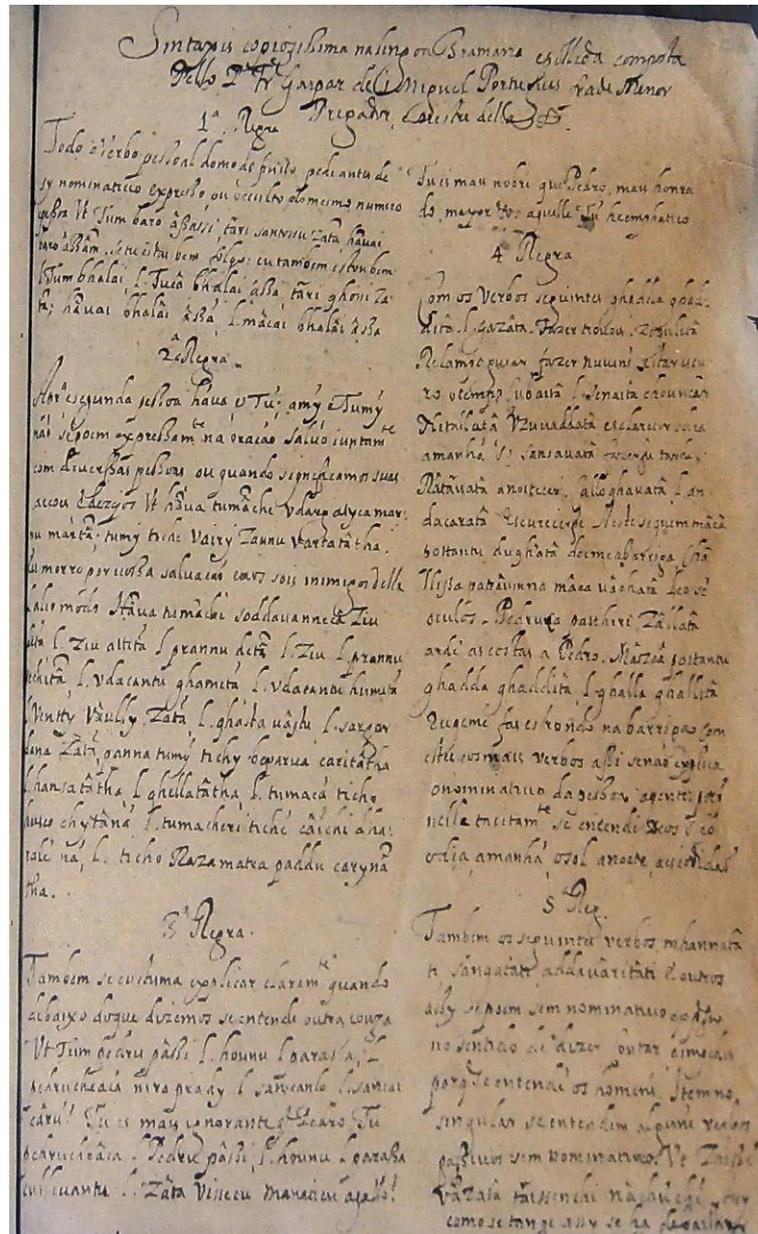


A SINTAXIS COPIOSÍSSIMA NA LINGOA BRAMANA E POLLIDA DE FREI GASPAR DE S. MIGUEL: ALGUMAS OBSERVAÇÕES

Maria do Céu Fonseca

Universidade de Évora



1. INTRODUÇÃO

Gaspar de S. Miguel foi um franciscano português nascido em finais do século XVI, cuja vida activa decorreu em Goa ao serviço do apostolado missionário. Aí professou a

vida seráfica, depois de estudos eclesiásticos no Colégio de S. Boaventura¹, sob a batuta de Frei Paulo da Trindade. Além de artes e teologia, liam-se neste Colégio, fundado em 1618, aulas de “língua da terra para os que se houverem de ocupar nas cristandades” (Trindade 1962: I, 265), isto é, aulas de concani, vernáculo de Goa e de toda a costa do antigo Concão². O proveito de tais aulas terá servido a Gaspar de S. Miguel na elaboração desta *Sintaxis copiosissima*, manuscrito da Biblioteca da “School of Oriental and African Studies” (Londres), que constituirá a segunda parte de uma *Arte da lingua canarina*, atribuída ao mesmo³. Em 1968 esta segunda parte, autónoma do estudo morfológico, foi publicada por José Pereira, que em diversos momentos se refere ao virtuosismo gramatical do franciscano seiscentista: “Gaspar de S. Miguel’s *Sintaxis*, the second part of his *Arte da Lingoa Canarim*, is the fullest treatment of Standard Konkani syntax so far known” (1968: 1).

Apresentados sumariamente o Autor e a obra, passe-se à análise de alguns aspectos gramaticais desta segunda parte da *Arte da língua canarim*⁴.

2. ASPECTOS GRAMATICAIS

Segundo se sabe, o concani foi o primeiro de todos os vernáculos da Índia a possuir uma gramática impressa no século XVII, nomeadamente a *Arte da lingoa canarim* (Rachol, 1640), trabalho pioneiro do jesuíta inglês Tomás Estêvão (1549-1619), cuja publicação local, depois de larga circulação manuscrita, terá propiciado a difusão e o êxito da obra num contexto bibliográfico onde concorriam não mais do que gramáticas manuscritas. Caso da *Grammatica da lingua concani no dialecto do Norte, composta no século XVII*

¹ Segundo informa Lopes Mendes, “O edificio do antigo collegio de S. Boaventura assenta na margem esquerda do Mandovy a oeste do arsenal do exercito (...). Foi construido a expensas de algumas ricas e nobres senhores de Baçaim, que n’elle pretendiam estabelecer um mosteiro para duzentas irmãs, freiras da ordem de Santa Clara do patriarcha S. Francisco; mas oppondo-se a esta instituição o arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, o Custodio Fr. Miguel de S. Boaventura, que dirigia a construcção, applicou este edificio para collegio ou casa de estudos em 1602” (1886: I, 79).

² Sobre a língua concani, informa Sebastião Rodolfo Dalgado que “Os nossos antigos escritores deram-lhe vários nomes: *concana*, *concanica*, *brâmana*, *brâmana-goana*, *goana*, *canarim*, *canarina*” (1988: I, 302). *Brâmanes* eram membros da casta sacerdotal, os únicos que sabiam ler e escrever; *canarim*, língua dravídica, era o nome usado pelos portugueses para os habitantes do Concão.

³ Veja-se, a este propósito, Mariano Saldanha: o manuscrito *Arte da lingua canarina*, de que existe cópia na Biblioteca da “School of Oriental and African Studies” (Marsden Collection, ii, 559, n.º 1), vem “seguido imediatamente, no mesmo Codex, doutro (n.º ii), que é: ‘*Syntaxis copiosissima na lingua bramana e pollida composta pello Pe. Fr. Gaspar de S. Miguel, Portugues, frade menor, Pregador e mestre dela etc.*’ (...). Pelo desenvolvimento da sintaxe, que está em proporção com o do n.º 1 (fonética e morfologia), parece que os dois números são partes da mesma obra – a gramática de Fr. Gaspar” (1936: 21).

⁴ Assim mencionada por Fr. Paulo da Trindade (1962: I, 352) e autores posteriores (Diogo Barbosa Machado, na *Biblioteca lusitana*, e Cunha Rivara, no *Ensaio historico da lingua concani*) vem intitulada *Grammatica da lingua bramana que corre na Ilha de Goa e sua comarca* no manuscrito anónimo da Biblioteca da “School of Oriental and African Studies”.

(Nova-Goa, 1858), de um missionário português anónimo, e caso também da presente *Sintaxis* de Fr. Gaspar de S. Miguel. Ambas compostas no século XVII, são, sem dúvida, cronologicamente posteriores à obra do Pe. Tomás Estêvão, que, além de nomeada e mais do que uma vez pelo autor anónimo da gramática do dialecto do Norte, serviu de fonte de informação quando comparados o dialecto de Baçaim com o de Goa, e dela o mesmo autor não apenas transcreveu regras, como copiou o plano, o desenvolvimento de cada uma das partes e o tratamento das matérias. Sobre o modo como estão distribuídas as matérias e é organizada a informação gramatical de cada uma das subdisciplinas da morfologia e da sintaxe, veja-se:

(...)